

Hricsina, Jan

[Mattos e Silva, Rosa Virgínia. O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe]

Études romanes de Brno. 2011, vol. 32, iss. 2, pp. 135-[138]

ISSN 1803-7399 (print); ISSN 2336-4416 (online)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/114780>

Access Date: 30. 11. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

thème mériterait une étude plus approfondie des principes esthétiques et de la sensibilité décadente. Pourtant, Václava Bakešová reste muette à ce propos et les passages des romans qu'elle cite ou décrit n'en offrent qu'une illustration partielle. Il semble qu'elle retienne ici son souffle pour les deux parties finales.

Elle le reprend dans la quatrième partie intitulée «La maison du Père retrouvée» qu'elle consacre entièrement à un seul roman : *En route*, qui bouleverse l'orientation de l'écriture de Huysmans. Il s'agit d'un roman de conversion par excellence, dans lequel Durtal passe par une évolution que l'on ne trouve nulle part ailleurs dans l'œuvre de Huysmans. L'auteure compare cette étape de la création littéraire aux retrouvailles de l'enfant prodigue avec son père. Dans *En route* se produit la réconciliation de l'écrivain avec Dieu qui l'introduit dans sa maison. Cependant, de même que le retour de l'enfant prodigue, la route vers la spiritualité est pénible. Durtal se sent sans cesse partagé entre le spirituel et le charnel et il lui faut connaître Dieu afin de pouvoir sortir de ce cercle vicieux.

Václava Bakešová souligne ici le fait que si les personnages des romans naturalistes et décadents ne voient en l'amour que son côté charnel et dans la femme que la luxure et la perte, le contraire se produit dans *En route*. D'après l'auteur de l'étude, Huysmans y réhabilite non seulement la notion d'amour, mais aussi le culte de la Vierge, dans lequel il voit le féminin pur et maternel qu'il érige sur un piédestal.

Dans la partie finale – «Dans la maison du Père» regroupant les romans catholiques de Huysmans (*La Cathédrale*, *L'Oblat*), l'auteure décrit comment Huysmans développe les thèmes qu'il a déjà abordés dans *À Rebours*, mais surtout dans *En Route*. C'est ici qu'il aboutit au spiritualisme littéraire, et que sa transformation s'achève.

Pour conclure, disons que Václava Bakešová, l'auteure de *La Conversion de Joris-Karl Huysmans*, s'est donné la tâche de montrer comment la conversion est devenue le thème majeur de la création de Huysmans. Elle explique donc le rapport étroit entre la thématique littéraire et la transformation personnelle de l'écrivain afin de montrer la conversion comme thème littéraire important. Si les deux premiers chapitres de son étude nous semblent être plutôt descriptifs et moins analytiques, nous retrouvons une analyse fort intéressante dans la deuxième partie du livre. C'est ici que Václava Bakešová dessine un portrait pertinent de l'écrivain français, afin de nous le montrer sous une autre lumière. Son étude nous semble être d'autant plus précieuse qu'elle se consacre à une thématique rarement traitée. C'est ce point qui en fait une œuvre originale et novatrice.

Vendula Sochorcová

Rosa Virgínia Mattos e Silva, **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**, São Paulo, Contexto 2006, 208 p.

No ano de 2006 foi dado à estampa o livro *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. O livro foi publicado em São Paulo pela editora Contexto. É da autoria de Rosa Virgínia Mattos e Silva, professora de língua portuguesa na graduação e na pós-graduação da Universidade Federal da Bahia. A Professora Rosa Mattos e Silva obteve os graus de mestrado e doutoramento na Universidade de São Paulo e realizou o seu pós-doutoramento na Universidade de Rio de Janeiro. Ao longo de toda a sua carreira tem desenvolvido interesse pela história da língua portuguesa e publicou vários livros sobre o tema (ver Hricsina 2011).

A autora reagiu à proposta do director editorial da Contexto Jaime Pinsky de juntar dois livros da mesma autora num só. Trata-se das obras *O português arcaico: fonologia, 1991* e *O português arcaico: morfologia e sintaxe, 1993* que há muito tempo estavam esgotados.

Embora a autora considerasse os dois livros ainda válidos, achou útil retrabalhar alguns capítulos devido às novas pesquisas efectuadas sobretudo por Ana Maria Martins e José António Souto

Cabo. Trata-se sobretudo dos capítulos que versam sobre a documentação remanescente, quer literária quer não-literária. Neste campo foram feitas novas descobertas desde a publicação dos dois livros mencionados. Relativamente aos textos não-literários destacam-se os documentos achados por Ana Maria Martins nos IAN-TT situados nos anos 1175–1255 dos quais a peça central é conhecida por Notícia de Fiadores. O pequeno documento tem a datação de 1175 e é considerado por muitos especialistas o texto mais antigo escrito em português. Nos inícios dos anos 90 foi descoberto também nos IAN-TT outro Livro de Cantigas que contém cantigas de amor de Dom Dinis. O texto foi denominado Pergaminho Scharrer. Arthur Askins encontrou um manuscrito com uma quarta versão dos Diálogos de São Gregório.

O livro tem 203 páginas e divide-se em duas partes principais: uma em que a autora trata da Fonologia do português arcaico (p. 19–93) e outra em que trata as questões da morfologia e da sintaxe (p. 95–196). O conteúdo principal do livro é complementado por uma bibliografia classificada segundo o tipo de publicação (obras abrangentes sobre a história do português, edições de textos e outros títulos citados).

No capítulo “Definindo o português arcaico”, logo no início do livro, a autora relembra a história bastante complicada dos textos mais antigos que foram escritos no território português. São textos tanto de índole jurídica (Testamento de Afonso II, Notícia de Torto) como as mais antigas cantigas de amigo e de amor (Cantiga da Garvaia, Cantiga da Ribeirinha). Da mesma forma, a autora não esquece a questão da subperiodização do português arcaico (português antigo-português médio na concepção de Luís Filipe Lindley Cintra e galego-português-português pré-clássico segundo Pilar Vasquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz). A fronteira temporal entre estes dois subperíodos localiza-se em meados do século XIV (declínio da poesia galego-portuguesa, centralização política no eixo Lisboa-Coimbra). Segue-se o capítulo denominado “Como conhecer o português arcaico” em que a autora se dedica às fontes primárias, ou seja, à tipologia e classificação da poesia trovadoresca e à prosa literária e não-literária (documentos notariais), mas também às secundárias que são representadas por várias edições críticas de textos antigos, monografias sobre o português arcaico e gramáticas históricas.

Concluída esta parte, a autora passa à análise sistemática do sistema fonológico do português arcaico servindo-se de várias fontes. Das fontes primárias destacam-se os Cancioneiros medievais. As secundárias dividem-se em duas categorias: a primeira está representada pelos autores das primeiras gramáticas da língua portuguesa – Fernão de Oliveira e João de Barros, na segunda figuram vários nomes de grandes especialistas no domínio da evolução de Português – Clarinda de Azevedo Maia, Paul Teyssier, Edwin Williams e Mattoso Câmara. O período analisado delimita-se dos finais do século XII (aparição do português escrito) a meados do século XVI (primeiras gramáticas da língua portuguesa).

A autora fala do subsistema das vogais acentuadas que se encontram nas posições não-acentuadas, ou seja, pretónicas e finais. Foca dois problemas que ficam por resolver: 1) a diferença entre os dois tipos da vogal “a” (baixo e central) na posição acentuada. O “a” central realizado antes da consoante nasal parece ter existido desde muito cedo em Português, embora não houvesse a distinção fonológica entre a vogal “a” baixa e a sua variante central., 2) o alteamento das vogais “e” e “o”. Parece muito provável que este processo tenha começado já na fase mais arcaica do português. Contudo, não se pode falar da existência das realizações /i-ə/ e /u/ que é típica do português moderno.

Na parte em que é tratado o subsistema do consonantismo, importa destacar duas questões que continuam a não estar completamente resolvidas: 1) o problema do betacismo – põe-se a perguntar se se fazia a distinção entre a consoante bilabial /b/ e a labiodental /v/ no português antigo. A existência desta oposição está longe de ser consensual. A autora, depois de expor as opiniões de vários especialistas acerca deste problema, conclui que muito provavelmente no português arcaico no Norte de Portugal existia a oposição entre a bilabial oclusiva e a bilabial constritiva - /b/-/β/ e no Sul de Portugal realizava-se já a oposição que conhecemos do português actual, ou seja, entre a

bilabial oclusiva e a labiodental oclusiva – /b/-/v/. Só mais tarde a oposição /b/-/β/ foi neutralizada; 2) o problema do subsistema das sibilantes e africadas no português arcaico - enquanto a oposição entre a consoante prepalatal africada surda e a prepalatal constrictiva surda – /ʃ/-/ʒ/ não oferece dúvidas, a existência doutra oposição entre a prepalatal africada sonora e a prepalatal constrictiva sonora – /dʒ/ – /ʒ/ era muito menos segura, devido ao facto de se verificarem, na fase arcaica do Português, os mesmos grafemas para os respectivos fonemas <g, yy, yi, gh, i, j, y, g>. A existência das correlações das sibilantes – a apicoalveolar constrictiva e a alveodental africada /s/ – /ts/ e /z/ – /dz/ está fora de dúvida, mas permanece a controvérsia sobre qual foi o momento em que as africadas /ts/ e /dz/ começaram a perder o seu traço oclusivo. Está, todavia, provado que no início do século XVI o subsistema das sibilantes já se apresentava mudado – a apicoalveolar constrictiva e a predorsodental constrictiva /s/ – /s/ e /z/ – /z/.

Depois, a autora analisa a morfologia e sintaxe do português arcaico apoiando-se sobretudo no seu livro *Estruturas trecentistas* em que analisou detalhadamente os Diálogos de São Gregório – a mais antiga versão em português datada do século XIV. O uso quase exclusivo desta única fonte secundária deve-se ao facto de estar pouco estudada, por enquanto, a morfossintaxe do português arcaico.

Na parte “Morfologia” a autora trata do nome e do sintagma nominal (categorias gramaticais do nome, qualificadores, quantificadores e determinantes) e do verbo e do sintagma verbal. Só em linhas gerais percorre a passagem do verbo do latim ao português arcaico (via latim imperial) para poder concentrar-se nas mudanças formais que ocorreram no verbo português na fase arcaica da língua. Segue-se uma análise das sequências verbais, ou seja, dos tempos compostos (ser, haver/ter + participípio passado) e das locuções verbais (ser, fazer, estar, andar, ir + gerúndio e verbos + infinitivo). Esta parte foi apenas objecto de esboço por parte da autora, levando em consideração a falta de estudos consistentes neste campo. A autora prossegue com a sintaxe, ou seja, com a análise de várias partes do discurso (predicados – problema dos verbos ter/haver e ser/estar, sujeito, complementos etc.), sem descuidar a ordem dos constituintes da frase, comparando o seu estado no português arcaico com o actual.

Em conclusão, podemos constatar que o livro aqui descrito representa uma obra sem dúvida mais completa e moderna do que qualquer outra que até aqui tenha sido escrita sobre o português arcaico. Muito valiosas são sobretudo as partes morfológica e sintáctica, ou seja, os domínios que, até agora, têm merecido menos atenção por parte dos estudiosos

Bibliografia

- CASTRO, Ivo. O Português Médio segundo Cintra (nota bibliográfica). In *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 367–370.
- CUESTA, Pilar Vasquez; LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- HRICSINA, Jan. Bibliografia comentada das gramáticas históricas do Português. *Ibero-Americana Pragmática*, 2011, no prelo.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- MARTINS, Ana Maria. Ainda os mais antigos textos escritos em português: documentos de 1175 a 1252. in *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 491–534.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas (elementos para uma gramática do português arcaico)*. Lisboa: Imprensa nacional-casa da moeda, 1989.

- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico – Fonologia*. São Paulo: Editora Contexto, 1991.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico – Sintaxe e morfologia*. São Paulo: Editora Contexto, 1994.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 8ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 2001.
- WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1986.

Jan Hricsina